

GÊNERO TEXTUAL REPORTAGEM: DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA À EXPERIÊNCIA ESCOLAR¹

Magna Lúcia da SILVA (FAVIP)²

RESUMO: Essa pesquisa apresenta uma proposta de ensino com a escrita a partir de um gênero da área jornalística, a *reportagem*. O objetivo geral foi analisar essa proposta, tendo em vista o desempenho lingüístico dos alunos, tomando por base teorias advindas da lingüística, da comunicação e da didática de ensino. Na análise dos dados, objetivamos comparar a planificação seqüencial do gênero, considerando sua produção em duas situações, a jornalística e a escolar. Os resultados revelaram que tanto a reportagem jornalística quanto a escolar são *tipologicamente heterogêneas*, já que são organizadas por seqüências da ordem do narrar e da ordem do expor.

RÉSUMÉ: Cette recherche présente une proposition d'enseignement avec l'écriture à partir d'un genre journalistique, le *reportage*. L'objectif général c'était analyser cette proposition d'après la performance linguistique des étudiants ayant comme appui des théories es linguistiques, théorie de la communication et pédagogie d'enseignement. Pour l'analyse de données, nous avons comme objectifs comparer la planification séquentielle du genre reportage en envisageant sa production en deux situations: la journalistique et la scolaire. Les résultats ont révélé que le reportage journalistique et scolaire sont typologiquement hétérogènes, puisqu'ils sont organisés par des séquences dans l'ordre du rapporter et de l' "exposer".

1. Introdução

O ensino/aprendizagem da produção de textos no contexto escolar ainda demonstra uma grande distância entre as práticas cotidianas e o uso da escrita. Geralmente, o professor ao solicitar uma redação escolar, gênero tipicamente produzido em sala de aula, enfatiza as seqüências tipológicas, narração, descrição e dissertação, com o objetivo de avaliar a quantidade de informações ou o uso dos mecanismos internos do texto.

Por essa razão, é de fundamental importância que a escola trabalhe com estratégias de produção de gêneros que circulam na comunidade discursiva, preparando o aluno para atuar de forma mais efetiva no mundo real (Barros, 2000), através de competências comunicativas que tornam o indivíduo consciente do *para quê* aprender a produzir textos e da real dimensão desse aprendizado na vida cotidiana e profissional de cada um. Orientadas por essa preocupação, acreditamos que uma proposta de ensino de escrita, centrada nos usos da língua, através de uma seqüência didática, contribua para a habilidade de leitura e escrita do gênero reportagem.

Nesse sentido, o presente estudo procurou responder a seguinte questão: Qual o modelo prototípico seqüencial do gênero reportagem, considerando sua produção em duas situações, a jornalística e a escolar? Para responder a essa questão, este estudo teve como objetivo geral analisar uma proposta de ensino com gêneros textuais de domínio jornalístico, tendo em vista o desempenho lingüístico dos alunos; e como objetivo específico comparar a planificação seqüencial do gênero reportagem numa situação de produção jornalística e numa situação de produção escolar.

¹ Esse artigo é parte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, Campus I, na área de concentração: Linguagem e Ensino, desenvolvido sob a orientação do Prof. Drº Edmilson Luiz Rafael, UFCG.

²Profª da FAVIP – Faculdade do Vale do Ipojuca. Mestre em Lingüística pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: magnasilva@ig.com.br.

2. Aspectos metodológicos da pesquisa

2.1. Modalidade e contexto de investigação da pesquisa

O presente estudo adota dois modelos de pesquisas da abordagem qualitativa, a saber: a do tipo etnográfica interpretativista (ANDRÉ, 1995) e a pesquisa-ação (CAVALCANTI e MOITA LOPES, 1991; MOITA LOPES, 1994). Na primeira vertente desse estudo, interpretamos os dados levando em consideração o contexto sócio-cultural investigado, cidade, escola e alunos. Para tanto, utilizamos vários recursos instrumentais, como anotações (da pesquisadora-participante³, dos alunos e da professora-pesquisadora), gravação de aula em áudio, entrevistas, documentos orais e escritos, que possibilitam a triangulação dos dados. Na segunda modalidade adotada, a pesquisa-ação, também denominada de pesquisa intervenção, desenvolvemos uma seqüência de ações e intervenções nas atividades de leitura e escrita dos alunos-participantes da pesquisa.

O trabalho foi realizado numa turma do 1º ano do Ensino Médio, do curso noturno, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Plínio Lemos, localizada na cidade de Puxinanã, Leste do Estado da Paraíba. Com a finalidade de conhecermos um pouco mais a respeito da realidade sócio-educacional desse alunado-alvo, aplicamos um questionário no qual os alunos apresentaram informações sobre aspectos como: escolaridade, zona de localização, faixa etária, hábito de leitura, entre outros. Tendo em vista o foco do nosso estudo, a produção escrita, destacamos a seguir informações coletadas acerca da relação dos sujeitos com a escrita.

Com relação à função da escrita, informação dada por eles na última pergunta do questionário, qual seja: *que importância tem ou pode vir a ter a escrita de texto na sua vida?* notamos que é um reflexo de uma prática de escrita que se limita apenas ao ambiente escolar com objetivos frágeis, como aprender a fazer redação para passar no vestibular; o que é, possivelmente, um resultado da escola que ainda trabalha a escrita com propósitos estritamente avaliativos, apagando a sua função sócio-comunicativa no exercício de uma prática letrada.

Quanto às dificuldades no momento de escrever, alguns alunos afirmam não conseguir organizar as idéias no texto e outros afirmam ter dificuldades gramaticais (de acentuação, ortografia, vocabulário, concordância, etc). Esses *problemas* podem ser justificados pela priorização do estudo gramatical isolado e, conseqüentemente, pela falta de uma prática mais freqüente com a produção textual, conforme depoimento dado por alunos que passaram por essa realidade durante o ensino fundamental. Associado a isso, um outro fator que contribui para essa realidade é a ausência de uma prática de reescritura de textos durante o ensino fundamental, segundo alunos advindos de outros ambientes escolares.

2.2. Uma proposta de seqüência didática com o gênero *reportagem*

Compartilhando com a preocupação de Silva (2003, p.128) de se trabalhar didaticamente o texto procurando preservar a sua força comunicativa, norteamos o planejamento das aulas levando em consideração a possibilidade de atender aos interesses dos alunos-participantes não apenas como leitores e produtores de textos, mas como propagadores das informações discutidas para outros leitores da comunidade.

Por essa razão, os alunos escolheram o tema *gravidez na adolescência* e justificaram a preferência lembrando o fato de que há uma grande incidência de adolescentes grávidas na comunidade. Em seguida, iniciamos as atividades para a construção do conhecimento acerca do gênero *reportagem*, as quais foram planejadas e organizadas em torno de uma seqüência didática que envolveu a leitura, caracterização e produção desse gênero jornalístico.

Tendo em vista a necessidade de coleta de dados para a elaboração da *reportagem*, propusemos, inicialmente, a realização de entrevistas com cinco autoridades da cidade, representantes de três áreas, a saber: o padre (religião); uma enfermeira e uma pediatra (saúde); uma jovem que engravidou na adolescência e a sua mãe (família). Após a coleta de dados, os alunos transmitiram as entrevistas para toda a turma, em áudio ou vídeo. Esse momento, portanto, foi uma estratégia didática para que os alunos interpretassem e questionassem as causas e conseqüências de uma gravidez na adolescência, tendo em vista que, na *reportagem*, o jornalista objetiva interpretar fatos e analisar suas conseqüências (Faria e Zanchetta, 2002).

³ A pesquisadora-participante acompanhou a pesquisa desde a definição do problema a ser pesquisado até o plano de ação elaborado para a melhoria do grupo de participantes.

Depois dessa etapa, cada equipe transcreveu a entrevista para que pudesse ser distribuída entre todos os alunos como material para a coleta de informação, no momento da produção da *reportagem*. Disposto dessas informações, iniciamos as atividades didáticas para os alunos reconhecerem as características do gênero: primeiro, resgatamos oralmente os conhecimentos dos alunos acerca de *reportagem*, em seguida, acrescentamos outras informações, chamando a atenção para aspectos da situação de produção; do conteúdo temático; e do plano formal do texto. Depois dessas discussões, entregamos um roteiro escrito, contendo algumas características do gênero reportagem discutidas na aula, tomando por base Faria e Zanchetta (2002). Como modelo de *reportagem*, utilizamos o exemplar *Proibido mastigar*, publicado na revista Veja, em 06 de novembro de 2002, procurando nele identificar as características do gênero.

Considerando que a reportagem é um gênero híbrido (Marcuschi, 2002) e pode apresentar interpretação dos fatos, característica central do artigo de opinião, selecionamos o artigo *Alternância no poder*, de Gustavo Franco, também publicado na Veja, em 06 de novembro de 2002, a fim de oferecer aos alunos subsídio teórico para a elaboração da reportagem.

Concluída a etapa de modelização didática do gênero *reportagem*, dividimos a turma em grupos de cinco alunos e solicitamos a produção, em sala de aula, de uma *reportagem* sobre a *gravidez na adolescência*, com base nos subsídios teóricos (Faria e Zanchetta, 2002) e no modelo de reportagem (*Proibido mastigar*) estudados em sala, bem como nos dados coletados a partir das entrevistas realizadas pelos alunos.

Por fim, destacamos que não foi possível realizarmos um dos momentos centrais da aprendizagem da produção textual apresentado por Pasquier e Dolz (1996), a revisão textual. No entanto, acreditamos na eficácia da seqüência didática realizada em sala, uma vez que houve um ensino sistemático com atividades destinadas a ensinar a escrever um gênero textual, a *reportagem*, que responderam coerentemente a uma série de critérios, contribuindo para a construção das suas condições de produção, para a temática e textualização.

2.3. Procedimentos de coleta e análise dos dados

Durante aproximadamente três meses, o que correspondeu a um bimestre letivo, realizamos a seqüência didática na disciplina Língua Portuguesa na turma alvo e coletamos dados do evento de ensino-aprendizagem do gênero *reportagem*. Para tanto, seguimos os seguintes procedimentos: 1º) selecionamos a reportagem *Proibido mastigar*, produzida em situação jornalística e publicada num veículo de comunicação nacional (Revista Veja), para a ilustração do gênero; 2º) realizamos a gravação em áudio das aulas referentes ao estudo do gênero *reportagem*, para analisarmos os procedimentos utilizados na discussão da parte teórica e prática desse conteúdo; e 3º) solicitamos a produção da *reportagem*.

O nosso *corpus* é formado por quatro reportagens: uma versão do gênero *reportagem* produzida numa situação jornalística (*Proibido mastigar*) e três exemplares da primeira versão do gênero *reportagem*, produzidos em situação escolar, os quais serão identificados na análise por reportagem I, reportagem II e reportagem III. Adotamos como categoria de análise das reportagens a identificação das seqüências tipológicas que organizam o conteúdo temático nas sub-partes das reportagens (abertura, ampliação do fato e conclusão).

3. Gêneros textuais: da caracterização às diretrizes para o ensino

Nesse item, apresentamos algumas noções acerca da caracterização dos gêneros textuais, tomando por base os pressupostos teóricos advindos da teoria da Lingüística (Bakhtin, [1953]2000; Bronckart, 1999 e Marcuschi, 2002); em seguida, apresentamos características do gênero jornalístico *reportagem*, fundamentadas na teoria da Comunicação (Sodré e Ferrari, 1986; Faria e Zanchetta 2002). Por fim, tratamos das diretrizes para o ensino de gênero embasadas nas discussões de Dolz e Pasquier (1996) sobre seqüência didática.

3.1. Gêneros textuais: uma caracterização na perspectiva da Lingüística

Os estudiosos da Lingüística e da Lingüística Aplicada seguem a perspectiva de que os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e práticos” (Marcuschi, 2002, p. 19), ou seja, eles não são instrumentos prontos a serem preenchidos pela ação criativa do falante e/ou leitor. Na verdade, a sua caracterização se dá a partir das funções comunicativas, cognitivas e institucionais que integram as culturas em que se desenvolvem.

Bakhtin ([1953]2000) classifica os gêneros em primários (simples) e secundários (complexos). Os primários, que incluem a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal, são constituídos em situações de uma comunicação verbal espontânea, mantendo relação imediata com a realidade de outros enunciados. Os secundários, por sua vez, aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, artística, científica ou sócio-política, mais complexa e evoluída, principalmente escrita, como por exemplo, o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc.

Marcuschi (2002, p.21) assinala que devemos ter cautela quanto a considerar o predomínio de formas e funções para determinação e identificação de um gênero. Nesse sentido, Bronckart (1999) apresenta dois motivos que levam os estudiosos a enfrentarem dificuldades no momento de descrever e classificar os gêneros. O primeiro é a diversidade de critérios (tipo de atividade humana, efeito comunicativo visado, tamanho e/ou natureza do suporte utilizado, conteúdo temático abordado) que podem ser legitimamente utilizados para definir um gênero. O segundo motivo apresentado é o caráter fundamentalmente histórico (adaptativo) das produções textuais. Os gêneros estão em constante mudança, transformando-se, nascendo ou mesmo desaparecendo a partir das alterações que vão ocorrendo nas sociedades, um exemplo disso é a tecnologia.

Tomando por base esses critérios de classificação de gênero e tendo em vista o enfoque deste trabalho, apresentamos a seguir algumas contribuições teóricas advindas da área da comunicação para ampliarmos os fundamentos de nosso estudo com características e modelos do gênero *reportagem*.

3.2. Gênero reportagem: uma abordagem da teoria da comunicação

Segundo Faria e Zanchetta (2002), a *reportagem* busca recuperar as informações apresentadas no dia-a-dia e aprofundá-las; além de informar pontualmente sobre um fato, observa as suas raízes e o desenrolar dele. Lage (1987) complementa dizendo que a reportagem é um gênero próximo do artigo de opinião, quando nele há traços que evidenciam a relevância da autoria do texto; mas o autor precisa respeitar os fatos, não apresentando uma opinião contrária, uma vez que o papel de avaliação é do leitor. Essa característica da reportagem evidencia o hibridismo na configuração dos gêneros apresentado por Bakhtin ([1953] 2000) e recuperado por Bronckart (1999).

Sodré e Ferrari (1986) ressaltam três modelos de *reportagem*, considerados como fundamentais na área jornalística, a saber: *reportagem de fatos*, *reportagem de ação* e *reportagem documental*. A *reportagem de fatos* apresenta um relato objetivo dos acontecimentos e, nela, semelhante à notícia, os fatos são narrados numa ordem sucessiva de informações relevantes. A *reportagem de ação* apresenta as informações mais relevantes (lide) e depois narra os acontecimentos sequenciadamente, apontando a um clímax. O terceiro modelo, a *reportagem documental* é um relato expositivo com a apresentação de um tema polêmico ou atual de maneira objetiva, acompanhado de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. Na abertura do gênero, há o clímax acompanhado dos elementos do lide, depois o desenvolvimento da história, incluindo depoimentos, entrevistas, informações complementares e a conclusão. Sodré e Ferrari (1986) salientam ainda que esses modelos não são rígidos, podendo haver combinações entre eles.

Após apresentar os modelos de reportagem, os autores explicitam três elementos estilísticos da reportagem comum em gêneros literários. O primeiro elemento estilístico implica na *alternância de elementos* para chamar a atenção do leitor, ou seja, o autor pode apresentar primeiros planos ou planos gerais⁴, ação ou reflexão, imagens ou histórias, descrições ou ações/citações, discurso direto ou discurso indireto, etc. O segundo elemento estilístico diz respeito às diferentes formas de apresentação dos personagens, a saber: *explícito* - o repórter traça determinado retrato da personagem; *implícito*: o personagem mostra-se por suas palavras e ações; *indivíduo* - o interesse recai sobre atitudes do entrevistado; *tipo* - a predominância da característica que dá fama ao personagem; e *caricatura* - o exagero de traços da personagem, deformando-os. O último elemento estilístico, o tempo, possibilita distinguir os três modelos de reportagens apresentados: a *reportagem de fatos* reporta ao tempo cronológico; a *reportagem de ação* aborda uma narrativa com tempo alterado e acelerado; e a *reportagem documental* situa o tempo ora acelerado ora retardado.

A partir dessas características do gênero *reportagem*, apresentadas por estudiosos do jornalismo, selecionamos como categorias para a análise de nosso *corpus* os modelos de reportagens comuns na imprensa brasileira, *reportagem de ação*, *reportagem de fatos* e *reportagem documental*, com a finalidade de verificarmos em qual dos modelos as reportagens jornalística e escolar se aproximam.

⁴ Na análise das reportagens renomeamos as categorias primeiros planos para plano particular (quando a reportagem apresenta os fatos da personagem central) e planos gerais para plano geral (quando aborda informações gerais acerca do fato).

3.3. Caracterização das seqüências tipológicas

Os gêneros textuais, conforme Marcuschi (2002), realizam-se a partir de tipos textuais que são construções teóricas definidas pelos artefatos lingüísticos de sua composição (lexicais, sintáticos, verbais, etc). Com base nessas propriedades lingüísticas, Adam (1992, apud Bronckart, 1999) admite a possibilidade de existirem cinco seqüências prototípicas⁵: a dialogal, a narrativa, a argumentativa, a explicativa, e a descritiva.

As seqüências dialogais apresentam diálogos cujo discurso é construído em conjunto, ou seja, há a presença de pelo menos duas pessoas que falam cada uma a seu turno. Essas seqüências dialogais se organizam em três níveis. O primeiro nível apresenta três fases, a de *abertura*, a *transacional* e a de *fechamento*. O segundo nível permite distinguir unidades dialogais ou turnos de fala em cada uma das fases do primeiro nível. O terceiro nível possibilita a decomposição de cada turno em uma série de enunciados.

Quanto à seqüência narrativa, há cinco fases ou macroproposições básicas: 1) Situação inicial, na qual um *estado de coisas* é apresentado; 2) Complicação, que introduz uma perturbação e cria uma tensão; 3) Ações, que reúne os acontecimentos desencadeados por essa perturbação; 4) Resolução, na qual se introduzem os acontecimentos que levam a uma redução efetiva da tensão; e 5) Situação final, que explicita o novo estado de equilíbrio obtido por essa resolução. Além dessas fases, acrescentam-se outras duas mais restritas: 6) Avaliação, em que se propõe um comentário relativo ao desenrolar da história; e 7) Moral, em que se explicita a significação global atribuída à história.

Em relação à seqüência argumentativa, Adam afirma que é constituída por quatro fases: 1) Fase de premissas – em que se propõe uma constatação de partida; 2) Apresentação de argumentos – em que se apresentam elementos que orientam para uma conclusão provável; 3) Fase de contra-argumentos, na qual se opera uma restrição em relação à orientação argumentativa; 4) Conclusão ou nova tese, na qual se integram os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

No tocante à seqüência explicativa, o autor destaca quatro fases; são elas: a) Constatação inicial – na qual se introduz um fenômeno não contestável; b) Problematização – na qual é explicitada uma questão da ordem do *porquê* ou do *como*; c) Resolução, que introduz os elementos de informações suplementares capazes de responder as questões colocadas; e d) Conclusão – avaliação, que reformula e completa eventualmente a constatação inicial.

Finalmente, temos a seqüência descritiva que, segundo Adam (op. cit.), é regida pelas seguintes operações: 1) Ancoragem – na qual se assinala, por meio de um nome, o que ou quem está em questão, estabelecendo-se, assim, o tema-título da seqüência; 2) Aspectualização – na qual os diferentes aspectos do objeto, suas partes e suas qualidades- propriedades são introduzidas no discurso; 3) Relacionamento – na qual são estabelecidas relações entre aspectos de dois objetos, ou por meio de comparações, ou por meio de metáforas.

Além desses cinco tipos de seqüências, seguindo a posição de Bronckart (1999), admitimos a existência de uma sexta seqüência denominada de injuntiva. Essa seqüência é sustentada por um objetivo próprio, que é o de *fazer agir* o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção, a partir de efeitos sobre as propriedades da seqüência (presença de formas verbais no imperativo ou no infinitivo; ausência de estruturação espacial ou hierárquica).

Tomando por base as seis seqüências apresentadas acima, buscamos no tópico de análise verificar qual a planificação seqüencial evidenciada na organização do conteúdo temático de uma reportagem jornalística e de reportagens escolares, de forma a identificarmos os protótipos desses gêneros.

3.4. Seqüência Didática: uma alternativa para o ensino centrada no gênero

Na tentativa de eliminar a concepção de que os alunos não estão evoluindo com o trabalho de escrita, os estudiosos têm procurado desenvolver, através de seqüências didáticas, as habilidades de escrita dos alunos. Essas seqüências didáticas são definidas por Dolz e Pasquier (op. cit, p.09) como “um conjunto de oficinas destinadas a aprender a escrever um gênero textual que respondem a uma série de critérios”.

⁵ Na análise das reportagens, não adotamos a definição de protótipos defendida por Adam e outros cognitivistas, ou seja, a de protótipos como *modelos cognitivos preexistentes a seqüências efetivas e capazes de gerá-las*. Na verdade, a noção que adotamos aqui é a de construtos teóricos elaborados posteriormente tomando por base a análise das seqüências empiricamente observáveis no intertexto (Bronckart, 1999).

Os autores apresentam alguns princípios didáticos atuais no que se refere ao ensino-aprendizagem da composição escrita. Destacamos, a seguir, quatro desses princípios, que nos parecem relevantes para o estudo dos gêneros textuais e, em especial, para o gênero reportagem, foco do nosso trabalho:

1) *Textos sociais* – É importante que o aluno tenha contato com textos autênticos que circulem fora da escola, para que, desta forma, ele também produza textos adequados a situações de comunicação bem definidas, precisas e real.

2) *Começar com tarefas complexas* – Deve-se colocar o aluno, desde os momentos iniciais, face a uma tarefa complexa, global e completa, de maneira semelhante ao que acontece nas atividades reais de comunicação da vida social. Somente em um segundo momento deve-se propor atividades específicas de análise lingüística.

3) *A revisão* – Constitui um dos momentos centrais da aprendizagem da produção textual. Durante a escrita da primeira versão de um texto, o autor relê constantemente o que escreve, antes de continuar, e, relendo, frequentemente transforma seu projeto inicial.

4) *Regulação externa e interna* – Entende-se por regulação a adoção, por parte do aluno produtor de um texto, de um ponto de vista crítico sobre uma própria atividade, a fim de controlar o conjunto de problemas presentes na sua produção escrita.

Por fim, é importante salientar que o especialista em didática – ao formular esses princípios que formam as seqüências didáticas, tomando por base os estudos em lingüística do discurso e em psicologia da linguagem –, só prepara o trabalho do professor para facilitar, em certa medida, sua tarefa, uma vez que este, na verdade, é o responsável direto pela adaptação dessas seqüências didáticas aos problemas de escrita detectados nos textos dos alunos da classe.

4. Planificação textual no gênero reportagem

Num primeiro momento deste tópico, identificamos as seqüências textuais que organizam as sub-partes do gênero na reportagem *Proibido mastigar* com a finalidade de caracterizar o protótipo que serviu como modelo do gênero *reportagem* para os alunos-autores. Em seguida, buscamos observar como os alunos-autores adotaram e adaptaram o modelo prototípico da reportagem jornalística apresentada em sala de aula, levando em consideração a função social do gênero *reportagem escolar* e as suas condições de produção.

4.1. A reportagem na revista veja: uma situação jornalística de produção do gênero

A reportagem *Proibido mastigar*, publicada na sessão *Dieta* da revista *Veja*, em 6 de novembro de 2002, caracteriza-se como uma *reportagem documental* (cf. definição apresentada por Sodré & Ferrari, 1986), uma vez que apresenta informações de uma pesquisa sobre o novo método de uma dieta à base de líquidos e é ilustrada com depoimentos de pessoas envolvidas nesse fato.

Para uma melhor visualização da planificação seqüencial do conteúdo temático das sub-partes da reportagem *Proibido mastigar*, apresentamos o quadro I, a seguir:

Quadro I - Planificação seqüencial da reportagem jornalística

Sub-Partes do gênero	Seqüências predominantes	Seqüências secundárias
Abertura	Argumentativa	Descritiva e explicativa
Ampliação do fato	Narrativa Explicativa	Injuntiva, descritiva, dialogal e explicativa Argumentativa e dialogal
Conclusão	Explicativa Dialogal	----

Como mostra o quadro I, a planificação seqüencial da reportagem jornalística *Proibido mastigar* apresenta *um estatuto fundamentalmente dialógico* (Bronckart, 1999), uma vez que as seqüências tipológicas, praticamente, não se organizam de forma pura. Na abertura do gênero, a seqüência predominante é a argumentativa, acompanhada de duas seqüências secundárias inseridas: a descritiva e a explicativa. Na ampliação do fato, num plano particular, predomina a narrativa e há quatro seqüências secundárias inseridas: injuntiva, descritiva, dialogal e explicativa; num plano geral, predomina a explicativa e há duas seqüências inseridas: argumentativa e dialogal. Na conclusão do gênero, há a combinação de dois tipos de seqüências:

explicativa e dialogal. A seguir, passamos a uma análise das seqüências predominantes nas sub-partes do gênero.

a) *Abertura do gênero*

Para iniciar a reportagem, a autora Tatiana Schibuela aborda o fato (dieta à base de líquidos), predominantemente, numa seqüência textual do tipo argumentativa; conforme a ilustração no exemplo a seguir:

(01): Abertura do gênero na reportagem *Proibido mastigar*

1 Quem já encarou um spa rigoroso conhece a sensação: passar o dia inteirinho, às vezes
2 dois, até três para os mais estóicos, ingerindo apenas líquidos. Emagrece que **é uma**
3 **beleza. Pena que**, acabada a tortura, os sólidos normalmente recuperem seu espaço na
4 silhueta. Pois o princípio da perda de peso à base de uma dieta líquida, método cosmético
5 destinado antes de tudo a desintoxicar e a estimular gordinhos renitentes, agora ganhou
6 solidez científica. E eficiência comprovada.

Como nos mostra o exemplo (01), a reportagem é aberta com a primeira fase de uma seqüência argumentativa, a premissa do fato (*quem... a sensação*, linha 1), seguida da apresentação de um argumento que orienta para uma conclusão provável para o fato inicial (*emagrece que é uma beleza*, linhas 2-3). Neste último enunciado, como podemos notar, a autora deixa transparecer uma opinião sobre a dieta de um spa, o que revela uma configuração híbrida (Marcuschi, 2002) do gênero reportagem, na medida em que assume a função de interpretação, uma característica comum de outro gênero jornalístico, o artigo de opinião.

Na fase seguinte da seqüência, identificamos um contra-argumento (*pena que... na silhueta*, linhas 3-4), que ilustra uma restrição à premissa acerca da dieta num spa. Na finalização da seqüência em análise, o texto destaca uma conclusão acerca do fato (*pois o princípio da perda de peso... eficiência comprovada*, linhas 4-6) apontando uma nova tese (*dieta à base de líquidos*), ou seja, a cientificidade e eficiência comprovada de um novo método.

Portanto, na abertura do gênero, a autora organiza o conteúdo temático, predominantemente, numa seqüência do tipo argumentativa, para convencer o leitor de que o novo método de dieta apresenta melhor resultado que a dieta líquida feita num spa. A função dessa seqüência na reportagem é problematizar um fato do conhecimento prévio do leitor, a eficiência de uma dieta realizada num spa, e chamar a atenção para um novo método de dieta líquida já investigada e aprovada cientificamente.

b) *Ampliação do fato*

Tendo em vista a ampliação do fato num plano particular (Faria, 2002), a autora apresenta a história de uma personagem envolvida num tratamento de dieta à base de líquidos, predominantemente, numa seqüência do tipo narrativa, como nos mostra o exemplo, abaixo:

(02): Ilustração de uma personagem envolvida no fato

1 Depois de passar seis meses tomando shakes e suplementos, Yvette baixou de 116 quilos
2 (e risco iminente de desenvolver diabetes) para 63 quilos.
3 A dieta de Yvette foi recomendada e supervisionada pela equipe de médicos,
4 nutricionistas e psicólogos do Risk Factor Obesity.

Nesse exemplo, o conteúdo é organizado numa seqüência narrativa composta por três fases: uma fase de ação da personagem (*depois... shakes e suplementos*, linha 1), que narra o tempo e apresenta os componentes do tratamento; uma fase de resolução para o problema de obesidade (*Yvette baixou de 116 quilos ... para 63 quilos*, linhas 1-2), que apresenta a diferença de peso; e uma fase de moral da história (a *dieta de Yvette ... do Risk Factor Obesity*, linhas 3-4), que explicita a significação atribuída à história relatada.

Vemos, portanto, que a seqüência narrativa aqui, diferentemente de muitos modelos de reportagens jornalísticas apresentados por Sodr e e Ferrari (1986), não marca predominância no gênero e pode ser caracterizada como secundária, uma vez que funciona em rela o ao objetivo geral da reportagem, que   expor o resultado do novo método   base de líquidos com a finalidade de convencer o leitor acerca da validade desse método.

Na amplia o do fato, num plano geral (Faria, 2002), são apresentadas algumas informa es essenciais acerca do tratamento   base de líquidos, organizadas, predominantemente, numa seq ncia explicativa. Vejamos o trecho que revela essa planifica o:

(03): Informações essenciais sobre o tratamento à base de líquidos

- 1 O tratamento ultra-riguroso, que só pode ser feito com estrito controle médico, admite o
- 2 consumo de 500 a 800 calorias por dia (só para comparar: duas fatias de pizza de
- 3 mussarela praticamente já preencheriam a cota), tudo na forma de líquidos.
- 4 Para agüentar tanto tempo sem mastigar, os participantes do programa freqüentam
- 5 reuniões de grupo conduzidas por psicólogos duas vezes por semana. Os pacientes ainda
- 6 passam por uma série de exames médicos semanais e assistem a palestras de
- 7 “reeducação”.

No exemplo (03), percebemos que a autora explica o tratamento da obesidade, introduzindo uma seqüência explicativa com informações suplementares, composta por duas fases: a constatação inicial (o *tratamento ultra-riguroso ... tudo na forma de líquidos*, linhas 1-3), que expõe o consumo de calorias permitido no tratamento com a dieta líquida, e a resolução ou explicação propriamente dita (*para agüentar... de “reeducação”*, linhas 4-7), que explica as atividades realizadas pelos participantes do programa Risk Factor Obesity (RFO) no novo método de dieta líquida.

Concluimos, portanto, que o conteúdo da ampliação do fato num plano geral é planejado em seqüências do tipo predominantemente explicativas, tendo em vista cumprir a função, na reportagem, de apresentar esclarecimentos para o leitor sobre um fato atual que é reportado (*novo método de dieta à base de líquidos*). Para isso, a autora tem como objetivo ampliar a visão do leitor com informações coletadas em pesquisa sobre o método (Sodré & Ferrari, 1986), buscando dar uma maior sustentação a esse fato sinalizado desde a abertura.

c) *Conclusão do gênero*

Para concluir a reportagem *Proibido mastigar*, a autora faz uma avaliação do fato num plano geral (Faria, 2002). Para isso, ela organiza o conteúdo temático num segmento textual que combina dois tipos de seqüências, uma explicativa e uma dialogal, como mostra o exemplo abaixo:

(04): Conclusão do gênero

- 1 O investimento é significativo, em sacrifício, tempo (no mínimo seis horas por semana) e
- 2 dinheiro (150 dólares a primeira consulta, mais 295 dólares em manutenção mensal, mais
- 3 cerca de 60 dólares por semana em shakes e suplementos). Atingido o peso ideal, pagam-
- 4 se mais de 350 dólares por seis meses de acompanhamento pós-regime. “Estou
- 5 justamente na fase mais difícil”, suspira Yvette. “A vantagem é que, quando desanimo,
- 6 em vez de comer, faço compras. Descobri que comprar roupas é maravilhoso”, diz,
- 7 feliz com a nova silhueta.

Neste exemplo, notamos que, no primeiro segmento textual, o conteúdo é planejado numa fase de conclusão-avaliação da seqüência explicativa (*O investimento é significativo... acompanhamento pós-regime*, linhas 1-4). Essa conclusão-avaliação tem o objetivo de explicitar informações suplementares para o leitor acerca do investimento feito durante a dieta à base de líquidos, principalmente em relação ao tempo e aos valores gastos com o tratamento. No segundo segmento textual do conteúdo da conclusão, a autora expõe trechos da entrevista da personagem envolvida no tratamento, em forma de seqüências dialogais (*Estou justamente na fase mais difícil* e *A vantagem é que, quando desanimo, em vez de comer, faço compras. Descobri que comprar roupas é maravilhoso*, linhas 4-6), com a função de apresentar para o leitor o depoimento da personagem avaliando a fase atual do tratamento. Nessas seqüências dialogais, o reconhecimento do gênero *entrevista* na planificação da *reportagem* é feito através de expressões (*suspira Yvette* e *diz, feliz com a nova silhueta*) típicas da referência ao discurso direto (Faria, 2002).

Portanto, do ponto de vista lingüístico-textual, podemos considerar a reportagem *Proibido mastigar*, estudada em sala de aula com os alunos, como um exemplar do gênero *tipologicamente heterogêneo* (Marcuschi, 2002), já que o seu modelo prototípico seqüencial é organizado tanto por seqüências da ordem do narrar (narrativa) como por seqüências da ordem do expor (argumentativa, explicativa). Essa organização se justifica pelo fato de a autora apresentar um conteúdo com três objetivos, quais sejam, informar, convencer e orientar o leitor acerca do novo método de dieta à base de líquidos.

4.2. As Reportagens na sala de aula: uma situação escolar de produção do gênero

As reportagens produzidas em situação escolar se aproximam do modelo de reportagem documental (cf. Sodré & Ferrari, 1986), porque têm um caráter denunciante e os alunos se apóiam em dados coletados em entrevistas para se pronunciarem a respeito do tema *gravidez na adolescência*. Assim como ocorre com a reportagem da Veja, essas reportagens se caracterizam como um gênero seqüencialmente heterogêneo (Marcuschi, 2002), como podemos observar na exposição do quadro II, a seguir:

Quadro II – Tipos de seqüências recorrentes nas reportagens

Reportagens	Seqüências predominantes	Seqüências secundárias
Reportagem I	<i>Explicativa</i>	Narrativa, injuntiva e dialogal
Reportagem II	<i>Explicativa</i>	Narrativa, Injuntiva
Reportagem III	<i>Argumentativa</i>	Narrativa

A observação atenta do quadro II, quanto à ocorrência e à organização seqüencial nessas reportagens revela que os alunos-autores organizam o conteúdo temático (gravidez na adolescência), predominantemente, em duas planificações seqüenciais diferentes, tendo em vista a atender objetivos específicos. Nas reportagens (I) e (II), a seqüência predominante é do tipo explicativa, acompanhada de seqüências secundárias do tipo narrativa, injuntiva e dialogal, no caso da reportagem I. A escolha desse protótipo seqüencial se justifica devido à função de informar o leitor acerca do alto índice de gravidez na adolescência. Na reportagem III, a seqüência predominante é do tipo argumentativa, porque visa a cumprir a função de convencer o leitor sobre a gravidade do fato, e é acompanhada da seqüência secundária do tipo narrativa. Esta seqüência, por sua vez, é comum nas três reportagens e cumpre a mesma função: ilustrar o fato com a história de uma jovem que engravidou na adolescência e foi entrevistada pelos alunos-repórteres. A seguir, analisamos exemplos representativos dessas seqüências nas sub-partes das reportagens produzidas em situação escolar.

a) Abertura do gênero

Ao analisarmos a abertura das reportagens produzidas pelos alunos-autores, percebemos que a reportagem III apresenta um modelo prototípico semelhante à reportagem jornalística, com o uso da seqüência do tipo argumentativa. Vejamos, a seguir, o exemplo (05), para esclarecer melhor essa afirmação.

(05): Abertura da reportagem III

- 1 Quem nunca viu ou teve algum contato com uma adolescente grávida? Provavelmente,
- 2 todos. O índice de gravidez com adolescentes de 12 a 18 anos é muito grande incentivada
- 3 pela prostituição, drogas e problemas familiares.

Conforme mostra o exemplo, os alunos-autores iniciam o conteúdo com uma fase de premissa do fato (*Quem nunca viu... todos*, linhas 1-2) que problematiza e responde a um questionamento acerca da ocorrência de adolescentes grávidas, e, em seguida, apresentam a fase de conclusão (*O índice de gravidez ... familiares*, linhas 2-3), que explicita a faixa etária e as causas para o índice de gravidez na adolescência. Com isso, observamos que a reportagem III se aproxima do protótipo da seqüência argumentativa na reportagem jornalística, mas realizada de forma simplificada, já que comporta apenas duas fases (premissa e conclusão), enquanto na reportagem jornalística há quatro fases dessas seqüências (da premissa à conclusão). No caso da reportagem escolar analisada, notamos que o resultado foi satisfatório uma vez que o protótipo seqüencial apresentado pelos alunos-autores apresenta informações suficientes para convencer o leitor acerca do índice de gravidez na adolescência.

Analisando as reportagens I e II, observamos que estas apresentam um modelo prototípico seqüencial diferente, na abertura do gênero, em relação à *reportagem* jornalística porque visa a informar o leitor acerca do problema de gravidez na adolescência, a partir de seqüências explicativas. Um exemplo dessa seqüência está na abertura da reportagem I, conforme mostra o fragmento a seguir:

(06): Abertura da reportagem I

- 1 A Sociedade Brasileira vive com um problema chamado gravidez na adolescência,
- 2 geralmente adolescentes entre 11 e 14 anos. Um depoimento ouvido falou que sem
- 3 dúvida a população de baixa renda, pois esta tem menos condições financeira de adquirir
- 4 os métodos anticoncepcionais que existe no mercado. Mesmo com palestra e orientação
- 5 nas escolas ainda os índices de adolescente grávida vem aumentando cada vez mais.

Como vemos, os alunos-autores organizam o conteúdo em três fases de uma seqüência explicativa: uma constatação inicial do fato (*A Sociedade Brasileira...11 e 14 anos*, linhas 1-2), que apresenta a faixa etária de gravidez na adolescência no Brasil; uma fase de problematização geral (*Um depoimento... que existe no mercado*, linhas 2-4), que apresenta o público alvo e o motivo da ocorrência de gravidez na adolescência; e uma fase de conclusão-avaliação (*Mesmo com palestra... aumentando cada vez mais*, linhas 4-5), que apresenta os procedimentos adotados para a resolução do problema e o aumento no índice de gravidez na adolescência.

Comparando os elementos do lide na reportagem da Veja e nessa reportagem escolar, percebemos que há semelhanças quanto aos elementos apresentados, já que em ambas apenas o *onde* ficou sem resposta. Porém, a forma de apresentação se diferencia, uma vez que na reportagem escolar os alunos concentram os elementos do lide da parte de abertura do gênero na primeira seqüência textual, a explicativa, enquanto na reportagem jornalística a autora desenvolve o lide na ampliação do fato, na seqüência narrativa.

Por fim, a abertura da reportagem I, através de uma seqüência explicativa, só vem confirmar que, dependendo do objetivo da sub-parte da reportagem, o conteúdo temático pode ser construído por outra seqüência. Na reportagem I, os alunos-autores adotam a seqüência explicativa para cumprir o objetivo de apresentar informações gerais sobre a *gravidez na adolescência* (faixa etária, público alvo, etc), uma função que responde à escolha dessa seqüência explicativa.

b) Ampliação do fato

Numa perspectiva particular, os alunos-autores ampliam o fato a partir de uma seqüência narrativa, apresentando uma história de uma pessoa envolvida no fato (gravidez na adolescência). Essa ocorrência assemelha-se ao modelo prototípico da reportagem jornalística, como ilustra o exemplo (07):

(07): Ampliação do fato no plano particular, reportagem III

1 Para esclarecer um pouco mais esse fato, a jovem Mônica Silva Benício conta que
2 engravidou com 14 anos e não esperava engravidar pois tinha relações sexuais com o
3 namorado usando camisinha, e se enganou como muitas jovens em nossa cidade. Sua mãe
4 Maria que só acabou sabendo quando sua filha estava com 3 meses de gravidez deu todo
5 o apoio a sua filha, seu pai ficou enfurecido pois ela era muito nova.

No exemplo (07), o conteúdo temático é planejado em três fases da seqüência narrativa, a fase de situação inicial (*a jovem ... com 14 anos*, linhas 1-2), que relata o fato da gravidez; em seguida, uma fase de complicação da história (*e não esperava engravidar... usando camisinha*, linhas 2-3), que revela a ocorrência da gravidez numa situação de uso do anticoncepcional; e, por fim, uma de avaliação (*e se enganou como muitas jovens em nossa cidade*, linha 3), na qual os alunos-autores abordam um comentário relativo à experiência da personagem.

Após a análise da ampliação do fato no plano particular, percebemos que a organização do conteúdo temático numa seqüência predominantemente narrativa não marca predominância no gênero, diferentemente do que afirmam Sodré & Ferrari (1986); ou seja, essa seqüência tem caráter secundário, uma vez que a sua função nas reportagens I, II e III é apenas ilustrar o fato *gravidez na adolescência*, a partir da entrevista de uma jovem que engravidou nessa fase.

No que diz respeito à ampliação do fato num plano geral, identificamos a ocorrência da seqüência explicativa na planificação do conteúdo temático da reportagem, quando há uma referência ao depoimento da médica-pediatra, uma especialista no fato (gravidez na adolescência). A seqüência explicativa nessa reportagem evidencia a retomada do modelo da reportagem jornalística, conforme mostra o exemplo, a seguir:

(08): Depoimento de especialista na reportagem II

1 ela afirma que uma gravidez abaixo dos 18 anos pode ocorrer risco de vida ou de
2 prematuridade com o bebê, e a idade adequada para uma gravidez sem risco seria acima
3 dos 18 anos e abaixo dos 35 anos, isso para ter uma gravidez saudável. E para ter uma
4 gravidez saudável é necessário que haja um acompanhamento médico pra que não ocorra
5 problemas durante a sua gestação.

Como podemos conferir no exemplo acima, os alunos-autores apresentam a opinião da especialista pediatra, numa fase de constatação inicial (*ela afirma... com o bebê*, linhas 1-2), que apresenta os riscos de uma gravidez precoce; seguida de uma fase de resolução (*e a idade... dos 35 anos*, linhas 2-3), que apresenta

a faixa etária adequada para uma gravidez saudável; e, por último, uma fase de conclusão-avaliação (*isso... durante a sua gestação*, linhas 3-5), que apresenta a necessidade de um acompanhamento médico no período de uma gravidez. A análise da organização do conteúdo dessa seqüência explicativa revela que a reportagem II também se assemelha ao modelo prototípico da reportagem jornalística, no que se refere ao hibridismo (Marcuschi, 2002), na medida em que os alunos-autores recuperam informações de um outro gênero, a entrevista, para apresentar a opinião da médica, especialista no fato.

Ainda observando a ampliação do fato das reportagens escolares, no plano geral, verificamos que o conteúdo temático da reportagem I é organizado predominantemente por seqüências injuntivas, o que a diferencia da planificação da reportagem jornalística. Vejamos um exemplo desse tipo de seqüência:

(09): Opinião dos alunos-autores – reportagem I

- 1 A conscientização deve partir de casa, ou seja, os pais devem ser responsáveis pelo rumo
- 2 da vida de seus filhos, eles tem que orientar sobre o sexo eles tem que orientar sobre a
- 3 consequência de uma vida sexual precoce.

Conforme percebemos neste exemplo, a opinião dos alunos-autores é organizada numa seqüência predominantemente injuntiva (*a conscientização... precoce*, linhas 1-3), caracterizada, do ponto de vista lingüístico-textual, por formas verbais com valor de imperativo (*deve partir, devem ser, tem que orientar*). Ao apresentar a opinião nessa seqüência, os alunos-autores visam a orientar o leitor quanto ao papel dos pais na formação sexual dos filhos. A ocorrência dessa seqüência faz-nos perceber a flexibilidade do gênero, no que se refere à organização seqüencial. Vemos que os alunos-autores se apropriaram dessa flexibilidade, mesmo que intuitivamente, adaptando o protótipo da reportagem jornalística e gerando um novo modelo de reportagem, já que essa alteração não comprometeu a caracterização do gênero, confirmando a concepção de gênero como *formas relativamente estáveis* (Bakhtin 2000).

c) Conclusão do gênero

A partir da análise da conclusão das reportagens produzidas na situação escolar, identificamos que, na reportagem I, os alunos-autores adotam o modelo da reportagem jornalística e finalizam o gênero, organizando o conteúdo temático em dois tipos de seqüências, explicativa e dialogal, como podemos verificar no exemplo a seguir:

(10): Conclusão da reportagem I

- 1 Esse grande índice de gravidez na adolescência está acontecendo aqui na cidade de
- 2 Puxinanã, ou por falta de prevenção ou por falta de orientação dos pais. A própria Mônica
- 3 falou “eu escondi minha gravidez durante quatro meses por medo de meu pai”.

Conforme mostra o exemplo, os alunos-autores apresentam o conteúdo no plano geral numa seqüência explicativa (*Esse grande índice... orientação dos pais*, linhas 1-2) com o objetivo de esclarecer para o leitor informações como o local e os motivos para o alto índice de gravidez na adolescência. Em seguida, apresenta o conteúdo no plano particular com fragmentos da entrevista da adolescente numa seqüência dialogal (*eu escondi... medo de meu pai*, linha 3) com a função de ilustrar um depoimento da adolescente sobre o tempo em que escondeu a gravidez dos pais. Contudo, isso não é feito de maneira eficaz, já que as informações contidas no depoimento não correspondem nem à prevenção, nem à falta de orientação dos pais, mas a uma consequência após o problema instalado, o medo da falta de apoio.

A reportagem III apresenta o conteúdo temático da conclusão a partir da combinação de dois tipos de seqüências, argumentativa e explicativa, planificação que a diferencia das demais reportagens escolares. Observe-se o exemplo que se segue:

(11): Conclusão da reportagem III

- 1 O número de jovens grávidas em nossa cidade no Brasil e no mundo é tão preocupante
- 2 quanto as drogas que é um dos meios que incentivam a gravidez precoce.

Ao analisarmos esse fragmento, identificamos que os alunos-autores retomam o fato, apresentando a relação entre gravidez na adolescência e drogas. Essa informação é organizada inicialmente numa seqüência argumentativa (*O número de jovens... as drogas*, linhas 1-2), apoiada por elementos de comparação (*tão e quanto*). Em seguida, para não dificultar a compreensão dos leitores quanto à última informação dessa seqüência (as drogas), os alunos-autores desenvolvem uma seqüência explicativa (*que é... precoce*, linha 2). Essa inter-relação entre a argumentação e a explicação, uma combinação que tem o objetivo de apresentar

um argumento e ao mesmo tempo esclarecê-lo (Bronckart, 1999), é um recurso também identificado na reportagem jornalística.

Após a análise do modelo sequencial das reportagens escolares, concluímos que, semelhante ao exemplar trabalhado em sala, essas reportagens também se caracterizaram como um gênero sequencialmente heterogêneo, porém com adaptações quanto às seqüências recorrentes nas sub-partes dessas reportagens, tendo em vista a função social do gênero produzido pelos alunos-autores. Na abertura, apenas uma reportagem escolar (a reportagem III) adota o protótipo sequencial da reportagem jornalística. Na ampliação do fato, num plano particular, o modelo da seqüência narrativa é comum nas reportagens jornalística e escolar e cumpre a mesma função, que é ilustrar o fato com a história de uma pessoa envolvida e, num plano geral, apenas a reportagem II adota a mesma seqüência da reportagem jornalística (explicativa), as demais adotam outro modelo (seqüências injuntiva e argumentativa), visando a cumprir objetivos diferentes (orientar ou convencer o leitor). Já na conclusão do gênero, é a reportagem I que adota o modelo sequencial da jornalística (explicativa e dialogal) e as reportagens II e III adotam modelos diferentes (injuntiva e argumentativa).

5. Considerações finais

Do ponto de vista lingüístico-textual, podemos considerar tanto a reportagem jornalística, quanto a escolar como exemplares *tipologicamente heterogêneos* (Marcuschi, 2002), já que os modelos prototípicos sequenciais são organizados por seqüências da ordem do narrar e seqüências da ordem do expor. No entanto, conforme verificamos na análise, a reportagem escolar apresentou adaptações quanto à recorrência das seqüências, em relação ao modelo jornalístico, confirmando a hipótese de que as condições de produção, como função social, o lugar de produção (a escola) e os papéis (aluno-autor e professor-leitor), influenciam na produção do gênero. Essa adaptação por parte dos alunos revela um aspecto positivo, tendo em vista que eles reconhecem as características do gênero reportagem a partir de um exemplar, mas não copiam o modelo, o que confirma o caráter de transmutação e assimilação dos gêneros (Bakhtin, [1953]2000); além disso, corresponde ao conceito de *protótipo* aqui adotado, ou seja, um construto teórico elaborado posteriormente tomando por base a análise das seqüências empiricamente observáveis no intertexto, conforme citado no item 3.3.

A partir da análise dos dados, constatamos que a seqüência narrativa no gênero *reportagem*, tomando por base os exemplares aqui analisados – diferentemente da maioria dos modelos propostos pelos teóricos da comunicação como, por exemplo, Sodré e Ferrari (1986) –, não marca predominância no gênero e pode ser caracterizada como secundária, uma vez que corresponde ao objetivo geral, exemplificar o fato com a história de uma pessoa envolvida. Por outro lado, evidenciamos a predominância de outras seqüências do tipo explicativas e argumentativas em função dos objetivos das reportagens (informar, esclarecer e argumentar).

A análise das reportagens nos permitiu identificar ainda que, apesar de a imprensa sinalizar como regra a apresentação dos principais aspectos de um fato (lide) na abertura, a reportagem jornalística analisada desenvolve o lide na ampliação do fato, uma organização que se justifica pela experiência da autora com a produção do gênero. Por outro lado, a reportagem escolar segue essa regra, concentrando os elementos do lide na parte de abertura do gênero. Os alunos-autores iniciam com o chamado lide orientado, apresentando as informações centrais na abertura da reportagem, uma estratégia que nos parece pertinente, pois eles estão iniciando na prática com o gênero em estudo e seguiram a orientação da professora em sala de aula. Diante disso, acreditamos que a experiência em sala de aula, com vários exemplares do gênero reportagem, possibilitaria uma flexibilidade na localização do lide.

A experiência aqui exposta nos faz concluir, portanto, que as condições de produção norteadas por uma seqüência didática possibilitaram uma produção satisfatória, uma vez que os alunos-autores, adotando ou adaptando o protótipo do gênero, cumprem uma função social com a situação de comunicação, mesmo tendo pouco contato com reportagem, já que se restringem apenas à modalidade oral de rádio e televisão, conforme comentário dos alunos em conversas informais. Por essa razão, consideramos a experiência didática produtiva tanto do ponto de vista da construção do gênero, quanto do ensino de língua materna, sobretudo porque possibilitou ao aluno o contato com um gênero, cuja função social, definida, extrapola os limites da sala de aula.

6. Referências bibliográficas:

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953]2000.

BARROS, Kazue Saito Monteiro de. Redação Escolar: produção textual de um gênero comunicativo? *Leitura: Teoria & Prática*. Associação de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP/Mercado Aberto, ano 18, n.34, p. 13-22, 2000.

BRONCKART, JEAN-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

CAVALCANTI, Marilda C. e MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Implementação de pesquisa na sala de aula de língua no contexto brasileiro. In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada* (17). Campinas, São Paulo, p.133-142, 1991.

DOLZ, J. & PASQUIER, A. Um decálogo para ensinar a escrever. *Cultura y Educación*, 2, P.31-41. Madrid, 1996. Infância y aprendizagem. Tradução provisória de Roxane Rojo. Circulação restrita.

FARIA, Maria Alice de Oliveira e ZANCHETTA, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARCUSCHI, Luis A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva et alii (org). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: *D.E.L.T.A.*, V.10, n 2, São Paulo: PUC, p. 329-338, 1994.

SILVA, Williany Miranda da. *O gênero textual no espaço didático*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2003. Tese de doutorado (inédita).

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 5 ed. V 14. São Paulo: Summus, 1986.